

Sermão 236

A caridade fraternal.

Para a semana de Páscoa.

Santo Agostinho

Análise

Embora Jesus Cristo tenha morrido para nos purificar e ressuscitado para nos justificar, os Apóstolos, depois de sua morte e ressurreição, não tinham nem mesmo a fé.

Que infelicidade para eles! Ao darem hospedagem ao Salvador, que eles não reconheceram, os discípulos abriram os olhos e foram justificados.

Quem então poderia estimular suficientemente as obras de caridade?

01 – Morto por nossos pecados, Cristo ressuscita para nossa justificação.

Assim como nos ensina o Apóstolo, Jesus Cristo Nosso Senhor foi entregue por nossos pecados e ressuscitado para a nossa justificação¹. Sua morte nos jogou na terra como uma semente e sua Ressurreição nos fez sair dela como um broto.

¹ Romanos 4: 25.

Sua morte, de fato, nos ensina a morrer em vida. Escute o Apóstolo: *Fomos sepultados com ele na sua morte pelo batismo para que, como Cristo ressurgiu dos mortos pela glória do Pai, assim nós também vivamos uma vida nova*².

Ele não tinha nada para espiar na cruz, já que subiu nela sem pecado. Cabe a nós nos transformarmos através de sua cruz, colocando nela todo o mal que contraímos, para que possamos ser justificados por sua Ressurreição.

Este é o sentido preciso destas duas partes desta citação: “Ele foi entregue por nossos pecados e ressuscitado para a nossa justificação”. Ele não disse: “Ele foi entregue para nossa justificação e depois ressuscitou por nossos pecados”. À sua Paixão está ligada a ideia de crime e à sua Ressurreição está ligada a ideia de justiça.

02 – Os discípulos de Emaús ficaram abatidos com a morte de Cristo.

Mas esse dom, essa promessa, essa graça imensa da justificação, tudo, com a morte de Cristo, desapareceu para seus discípulos e eles perderam até mesmo a esperança. Foi anunciada para eles a Ressurreição, mas eles consideraram essa notícia como um delírio. Sim, a verdade tornou-se um delírio para eles.

² Romanos 6: 4.

Quando hoje em dia pregamos a Ressurreição, não nos queixamos daqueles que a consideram como uma grande ilusão? Todos não rejeitam, todos não têm horror e aversão a essa incredulidade?

Fecham-se os ouvidos, recusam escutar. No entanto, eram assim os Apóstolos depois da morte de seu Mestre. Eles tinham ideias que nos horrorizam hoje em dia. Aqueles condutores de rebanhos eram culpados de um crime que horroriza as ovelhas.

Quanto àqueles dois discípulos a quem o Senhor se mostrou na estrada e cujos *olhos estavam como que vendados*, para que não o reconhecessem, suas palavras mostram onde eles estavam e sua linguagem testemunha o que se passava em seus corações. Isto tudo diz respeito a nós e não ao Senhor, pois seu olhar mergulhava fundo em suas almas.

Eles conversavam então sobre o que se passara em Jerusalém e o Senhor se juntou a eles, como um terceiro viajante. Mas era o próprio Caminho que no caminho falava com eles e com eles trocava ideias.

O Senhor lhes perguntou, embora soubesse de tudo, sobre o que eles conversavam. Mas foi para levá-los a uma confissão que ele se fez assim de ignorante.

Eles lhe disseram: *És tu acaso o único forasteiro em Jerusalém que não sabe o que nela aconteceu nestes dias? A respeito de Jesus de Nazaré... Era um profeta poderoso em obras e palavras, diante de*

Deus e de todo o povo. Para eles então ele não era o Senhor, mas um profeta. Esta foi a ideia que sua morte lhes deu sobre ele. Eles o honravam então como um profeta e não o reconheciam como o Senhor dos Profetas e dos próprios anjos.

Eles prosseguiram: *Os nossos sumos sacerdotes e os nossos magistrados o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram. Nós esperávamos que fosse ele quem havia de restaurar Israel e agora, além de tudo isto, é hoje o terceiro dia que essas coisas sucederam.*

Foi a isto então que se reduziram todos os seus esforços? Vocês esperavam e agora estão desesperados?

Dá para ver que eles não tinham mais esperança. Então, o Senhor começou a lhes explicar as Escrituras, para lhes mostrar Cristo sobretudo onde eles o tinham ignorando e abandonado. O que os tinham levado ao desespero foi tê-lo visto morto e ele lhes fez ver, através das Escrituras que, sem morrer, ele não poderia ser o Cristo.

O Senhor lhes mostrou através dos livros de Moisés, dos livros seguintes e pelos profetas, que *era necessário*, como ele disse, *que Cristo sofresse essas coisas e assim entrasse na sua glória.*

Eles o ouviram com emoção, com suspiros e, como eles mesmos disseram, com “o coração abrasado”. Mas eles ainda não o reconheceram à luz que brilhava então aos seus olhos.

03 – Saibamos reconhecer Cristo no irmão necessitado.

Que mistério profundo, meus irmãos! Jesus entra na casa deles, se torna hóspede deles e ao partir o pão eles o reconheceram, quando sua vida inteira não bastara para lhes abrir os olhos.

Aprendam então a praticar a hospitalidade, pois este é o meio de reconhecer Cristo. Vocês ignoram que receber um cristão é receber o próprio Cristo? Não foi ele que disse: *Fui peregrino e me acolhestes?*

Quando lhe perguntaram então: *Quando foi que te vimos peregrino e te acolhemos?*, ele respondeu: *Todas as vezes que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes*³.

Por consequência, quando um cristão recebe um cristão, trata-se de um membro prestando serviço a outro membro. A Cabeça se alegra então e considera como sendo dado a ele próprio o bem que recebe um dos seus membros.

Desta forma, alimentemos Cristo quando ele tem fome, demos a ele de beber, quando ele tem sede, roupas quando está sem elas, abrigo, quando estiver em viagem e visitemo-lo, quando ele estiver doente. É isto o que pede nossa vida peregrina; é isto o que é preciso fazer neste exílio onde Cristo é indigente, pois, por mais rico que ele próprio seja, ele é pobre nos seus pequeninos.

³ Mateus 25: 35, 38 e 40.

Sim, ele próprio é rico, mas nos seus ele é pobre. Isto é assim porque ele chama para ele todos os que estão na necessidade. Com ele, de fato, não haverá fome, nem sede, nem nudez, nem doença, nem exílio, nem cansaço, nem dor.

Eu sei que não sentiremos nada disso, mas o que sentiremos? Eu ignoro. A razão é que eu conheço muito desses sofrimentos, enquanto que *coisas que os olhos não viram, nem os ouvidos ouviram, nem o coração humano imaginou, tais são os bens que Deus tem preparado para aqueles que o amam*⁴.

Podemos, nesta peregrinação, amar esses bens imensos, desejá-los, invocá-los com nossos suspiros, mas não poderíamos representá-los e nem falar deles convenientemente. Eu seguramente não sou capaz disso. No entanto, meus irmãos, procurem quem seja mais feliz do que eu. Se vocês conseguirem encontrar alguém, traga-o a mim, para que eu seja, com vocês, discípulo dele.

O que sei é que Aquele que *pode fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou entendemos*⁵ conduzirá seus eleitos para a morada onde se cumprirão estas palavras: *Bendizei ao Senhor, vós todos, servos do Senhor; vós que habitais na casa do Senhor*⁶.

Lá, nossa única ocupação será louvar o Senhor. Mas, como louvar, se não amamos e como amar, se não vemos? Veremos então

⁴ 1 Coríntios 2: 9.

⁵ Efésios 3: 20.

⁶ Salmo 133: 1.

a Verdade e essa Verdade será o próprio Deus, o objeto dos nossos louvores. Lá contemplaremos o que cantamos hoje: “Amém!” (é Verdade) e “Aleluia!” (louvado seja o Senhor).



Créditos

© 2020 Teodoro Editor: Niterói – Rio de Janeiro – Brasil.

Traduzido de *Œuvres complètes de Saint Augustin*. Organizada pelo Abade Raulx. Bar-Le-Duc: L. Guérin & Cie, Editeurs, 1868, por Souza Campos, E. L. de. Cotejado com as versões em italiano e espanhol, da Ordem de Santo Agostinho.

Traduzido do latim para o francês pelo Abade Raulx.

Conteúdo

Sermão 236	1
Análise	1
01 – Morto por nossos pecados, Cristo ressuscita para nossa justificação.....	1
02 – Os discípulos de Emaús ficaram abatidos com a morte de Cristo.....	2
03 – Saibamos reconhecer Cristo no irmão necessitado.	5
Créditos.....	8
Conteúdo.....	9